



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

O MOEDOR DE POBRES – NADA ATRAPALHA TANTO A SUA VIDA QUANTO O SISTEMA

THE POOR GRINDER - NOTHING DISTURBS BOTH YOUR LIFE AND THE SYSTEM

EL POBRE MOLINILLO - NADA PERTURBA TANTO TU VIDA COMO EL SISTEMA

OSTROWIECKI, ALEXANDRE. São Paulo, 2021. LVM editora, 251 páginas.

Márcio Magera Conceição, UNG, UNIP e CEF¹
 Joelma T. P. Conceição, UNG²
 Ricardo Costa, UNG³

<https://doi.org/10.47820/acertte.v2i3.64>

Apresento aos senhores uma resenha desta excelente obra do empresário Alexandre Ostrowiecki que disserta sobre o Brasil e suas perversidades ao povo brasileiro. Um livro dividido em 3 partes e 36 capítulos, num total de 251 páginas, com muitas citações, referências do âmago da questão-Brasil, relatando o motivo principal para nosso atraso político e econômico.

Compreender de forma didática os meandros e vielas do nosso eterno problema político e social talvez seja a questão mais importante e ao mesmo tempo emblemática para o povo brasileiro, que se encontra tão distante das informações e das mazelas que nossos representantes fazem na calada da noite para tirar do povo e alimentar uma elite de funcionários públicos que mantem tais privilégios que não se encontram similaridades no setor privado do país. O setor público brasileiro consome mais de 12 % do PIB anualmente, muito mais que qualquer outro país. Nesta obra o autor explica o quando isto é ruim para o país, o quanto tudo isto atrasa o crescimento econômico e social e coloca de uma forma didática que se não houver uma mudança no sistema o “carrapato irá matar a vaca”.

¹ Prof. Dr. Márcio Magera Conceição Ph.D, UNG; CFE - U.C Portugal Economista pela PUC- Campinas. MBA de Marketing - ESAMC, Sorocaba. Mestrado em Administração pela UNG - Guarulhos. Mestrado em Sociologia pela PUC - São Paulo. Doutorado em Sociologia pela PUC - São Paulo. Doutorado em Administração pela FCU - USA. Pós Doutor Unicamp - Campinas. Pós Doutor FCU - USA. Pós Doutor UC- Portugal. Jornalista e Escritor. Avaliador do MEC/INEP. Pró-reitor da Universidade de Guarulhos, SP. Editor-chefe da RECIMA21 – REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR. Professor do programa de mestrado Geoambiental da Universidade Guarulhos.

² Professor Universitária há mais de 10 anos. Mestrado em Administração de Empresas pela FACCAMP.

³ Professor Universitário da UNIP e professor do Mestrado Geoambiental da Universidade Guarulhos



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE ISSN 2763-8928

Na primeira parte o autor destaca que se olharmos para os últimos 200 anos, o mundo melhorou muito, se analisado sob as condições dos seres humanos no planeta Terra, quando afirma que no ano de 1800, 90% da população mundial vivia na miséria, contra 9% em 2020. Destacando também a expectativa de vida que aumentou muito nas últimas décadas graças a medicina e o saneamento básico que democratizaram a saúde no planeta.

Apesar do Brasil ter sido o país que mais cresceu no mundo de 1930 a 1980, perfazendo 50 anos de crescimento econômico, não houve a distribuição de renda, tão propalada e prometida para o povo brasileiro há décadas de campanhas políticas e discursos vazios da classe dominante do país. Segundo o autor “O Estado brasileiro é uma espécie de Robin Hood às avessas, um verdadeiro moedor de pobres” (Pag. 24). O país é um caso raro onde o Estado tira dos pobres para dar aos ricos. Isto ocorre, segundo o autor, nas duas pontas de atuação: tanto na arrecadação quanto no gasto. A empregada doméstica financia o filho da classe alta a estudar na USP, enquanto seu filho estuda na faculdade privada que não oferta o mesmo nível de qualidade e pior, pagando caro para estudar. A classe trabalhadora financia, através dos impostos caros que paga, melhor qualidade de vida aos funcionários públicos e para uma boa parte da elite do país. As distorções são tantas, que o Supremo Tribunal Federal (STF) gasta por mês 1 milhão de reais com alimentação, isto mesmo, 11 ministros gastam 12 milhões com alimentação por ano, segundo o portal transparência do governo federal. Um absurdo frente ao salário-mínimo do país que não ultrapassa os R\$ 1.200,00 reais/mês, que segundo a DIEESE seria insuficiente para comprar a cesta básica para 4 pessoas.

Na página 25 o autor descreve o que mais chama a atenção na sua obra, “Outro fardo do Estado brasileiro é o funcionalismo público. Em 2019, Governo Federal, estados e municípios e seus Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário gastaram nada menos do que R\$ 920 bilhões com pessoal”. Quase 1 trilhão de reais por ano com funcionários públicos e, no mesmo ano, o Governo Federal gastou com a Saúde R\$ 127 bilhões de reais, isto é uma “jabuticaba” brasileira. Só o MEC- Ministério da Educação e Cultura, tem 300 mil funcionários, muitos, acredito que não saibam e nunca foram até Brasília, e mesmo assim, o nosso sistema educacional é um dos piores do mundo, perdemos feio para o Chile e Argentina. O tamanho do setor público no Brasil, deficiente, lento, burocratizado, corrupto é a razão maior do nosso atraso, afirma o autor. Segundo suas análises, só teremos desenvolvimento quando conseguirmos diminuir o tamanho do Estado em nossos bolsos.

A competição é o principal fator de evolução das empresas. Em uma sociedade livre, as companhias lutam entre si para conquistar e manter seus clientes, com preços baixos e qualidade. Esta lógica não funciona no setor público. Após conquistar seu cargo ou por concurso público ou por indicação, tal funcionário, na sua maioria, não mais atua como empreendedor e fica esperando o dia passar, sem produzir nada enquanto na outra ponta a população, que precisa de um serviço público de qualidade, não consegue se quer, solicitar sua aposentadoria ou seu afastamento. Quando um juiz é pego fazendo alguma ilegalidade é compulsoriamente aposentado, com todos os seus ganhos ([https://g1.globo.com › goias › noticia › 2021/10/27](https://g1.globo.com/goias/noticia/2021/10/27)). A sociedade só perde com um Estado gigante que produz de tudo, menos “bons caracteres”. A corrupção permeia todos os órgãos da repartição publica no Brasil, são raras as exceções. Como empresas públicas não vão a falência, pouco importa o resultado delas. Assim, a cada ano o



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE ISSN 2763-8928

Congresso Nacional aumenta seus orçamentos para inchar ainda mais as repartições com apadrinhados, sem falar das “rachadinhas”, sistema de devolução de parte dos salários para os empregadores, que neste caso, pode ser um senador, deputado, vereador etc.

Como o Estado é muito grande, não tem como controlar ou criar mecanismos de meritocracia que atendam todas as correntes do departamento de funcionários públicos do Brasil. Há muitos sindicatos, mais de 5 mil, e com várias demandas, que apenas acabam engordando ainda mais a máquina pública do país. Sem uma verdadeira reforma administrativa, garantindo plenos poderes ao chefe do executivo isto não irá mudar nunca, e cada vez mais teremos que arrastar estes sanguessugas (o Sistema) que são os verdadeiros moedores de pobres deste país.

Com vários exemplos de países bem-sucedidos que realizaram uma reforma política, administrativa e fiscal, o autor sinaliza que, se a classe política quisesse, em pouco mais de 30 anos o Brasil poderia estar entre as principais nações desenvolvidas do mundo, mas como isto, passaria por cortar na carne os privilégios dos políticos e dos funcionários públicos, não acredito que irá acontecer um dia. O povo brasileiro vive a margem das informações e das decisões importantes do seu dia a dia do país. A preocupação maior do povo é não morrer de fome ou ser moído pela máquina estatal de impostos. Segundo o autor, existem muitos políticos que sabem o que fazer para minimizar a pobreza do país, mas não há vontade da maioria para que isto aconteça no Congresso Nacional. Temos também uma elite carcomida de empresários que ganham com as mazelas ocorridas nesta gestão pública fraudulenta, só o povo trabalhador é quem paga para tudo isto ficar assim (isto me fez lembrar uma música do Cazuza).

Na segunda parte o autor apresenta as possíveis soluções aos problemas sociais e econômicos do país. Disserta sobre a Constituição de 1988 e os problemas que ela trouxe para o Estado, segundo os especialistas, com muitos direitos e poucos deveres. Trata-se de uma Constituição cidadã, mas esqueceram de escrever lá quem iria pagar a conta por tantos direitos reivindicados e consolidados por Lei. Mais uma vez será o povo trabalhador que deixará boa parte dos seus rendimentos para pagar altos salários aos funcionários públicos e privilégios que no setor privado não se encontra de jeito nenhum.

Na terceira parte o autor faz um resumo dos principais pontos abordados no livro e indica algumas ações que a nação brasileira deveria realizar para mudar seu futuro e trazer um presente melhor para seus filhos e netos. Quando terminamos de ler o livro chegamos à conclusão de que o problema maior da nação brasileira é, sem dúvidas, o tamanho do Estado no bolso do povo trabalhador. Tudo que consumimos têm impostos, taxas etc. O empresário repassa para seus serviços e produtos toda a carga tributária que o governo submete em seus segmentos empresariais. O trabalhador por sua vez não tem como repassar tal imposto e acaba pagando um preço alto pela corrupção, altos salários dos funcionários públicos (é bom que se diga que 2/3 dos funcionários públicos do Brasil recebem até 3 salários-mínimos). No Brasil a empregada doméstica financia o filho do empresário a estudar em uma universidade federal, o jardineiro quando compra uma máquina de cortar grama está financiando a casa do empresário em Miami, USA. O trabalhador paga por tudo, por isto os preços de eletroeletrônicos, carros e aparelhos com tecnologia custam muito caros no Brasil. Se assim continuar, teremos no futuro não muito distante um país de miseráveis e uma ilha de notáveis – onde estão uma parte dos funcionários públicos, agentes políticos,



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

empresários, sindicalistas – e na contramão da história contemporânea, o Brasil com uma carga tributária acima de 60% do PIB e milhões de miseráveis doando sangue aos sanguessugas políticos deste país, grande, rico, mas que não aprendeu a distribuir sua renda como descrevem as cartilhas do liberalismo econômico e de um verdadeiro país Democrático.

